

“Salto tecnológico ocorrerá em 30 anos”

Laércio Silva

Dentro de 30 anos é possível que o Brasil consiga fazer a reviravolta que os Estados Unidos fizeram após a I Guerra Mundial e deixar de ser um importador de capital e tecnologia, passando a exportador. A opinião é do prof. William Perry, latino-americanista do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade de Georgetown, em Washington, e que esteve em Brasília nos últimos dias.

O professor Perry, que já lecionou na cadeira de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, é, no momento, um dos dois “latinoamericanist” do CSIS e está visitando alguns países da América Latina para estabelecer o programa de trabalho entre o Centro e esses países. Esses trabalhos consistem em debater principalmente, os problemas de relacionamento entre os países latino-americanos e os Estados Unidos. Recentemente, por exemplo — dias 1º e 2 de dezembro — houve um painel de debates sobre a possibilidade da criação de um programa conjunto entre Brasil e Estados Unidos para produção de álcool.

No entender do especialista, tem-se a impressão de que os brasileiros acham que os Estados Unidos e os países europeus foram sempre desenvolvidos e esquecem-se que o estágio de desenvolvimento atingido por esses povos foi conseguido muito arduamente e com pesado ônus social.

Ele lembra, por exemplo, que os operários que fizeram a revolução industrial nos Estados Unidos e na Inglaterra nem sonhavam com direitos trabalhistas que desfrutam hoje os operários brasileiros. Aqueles, trabalhavam até 14 horas por dia, sem remuneração extra; na Inglaterra, crianças eram exploradas nas minas de carvão e morriam aos 40 anos de idade.

Pressa

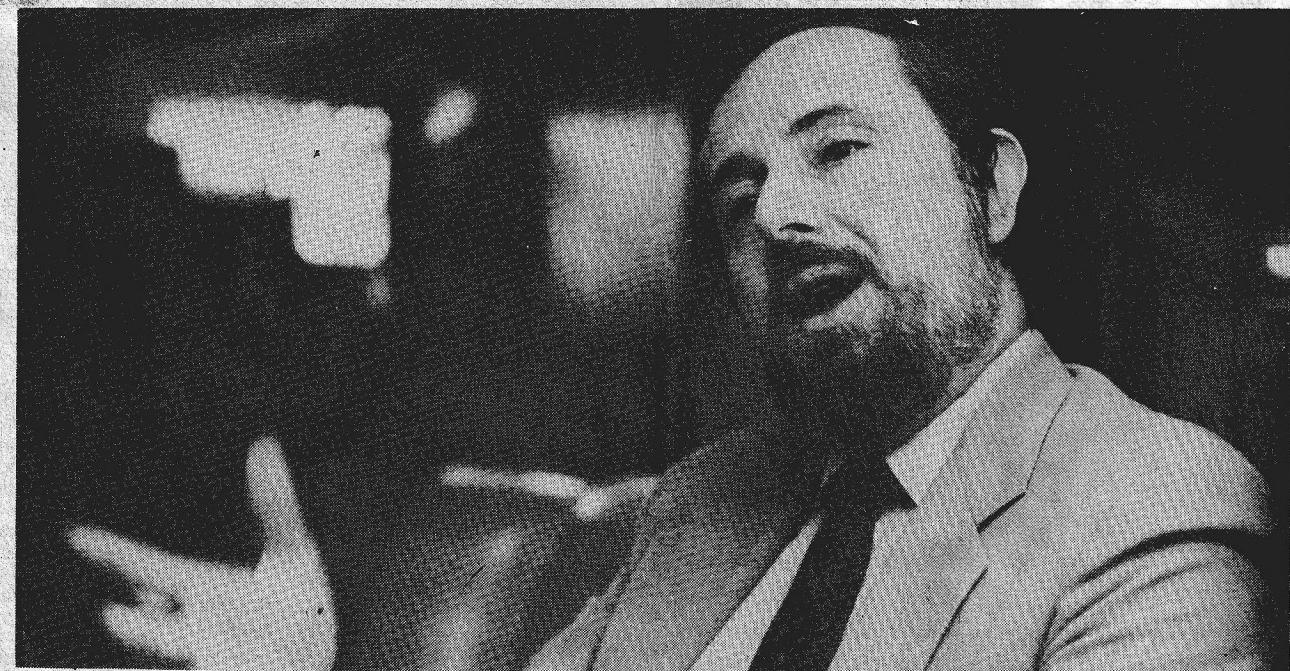
Ele considera, também, que os brasileiros são muito apressados

em desenvolver-se, tanto que o Brasil, segundo Perry, deu em 20 anos, um salto tecnológico que os Estados Unidos levaram 100 anos para dar. Essa ganância, considera, é uma das principais responsáveis pela astronômica dívida externa contraída pelo Brasil no período.

Citou, por exemplo, sua surpresa, há três anos, ao conhecer o telefone sem fio não nos Estados Unidos, Japão ou Europa, mas no Brasil, mais precisamente em Brasília. Explica que é muito comum encontrar certos avanços tecnológicos em países ditos subdesenvolvidos que ainda não foram introduzidos em muitas regiões dos países geradores dessas tecnologias, porque hoje basta ter dinheiro para adquirir tecnologia de ponta ao passo que onde essas tecnologias surgem nem sempre se considera econômico ou racional simplesmente desativar sistemas um pouco mais antiquados mas que ainda estão servindo com relativa perfeição, para substituí-los pela novidade. Por outro lado, um país africano que ainda não possui sistema de telefonia, por exemplo, quando resolve instala-lo adquire no mercado internacional o que há de melhor.

Reviravolta

O professor Perry acha que o Brasil conseguirá dar a grande reviravolta dentro de uns 30 anos mas para isso terá que ser mais comedido em sua ânsia de desenvolvimento. Não necessariamente deverá privar-se do capital de fora, mas deveria optar pelos investimentos indiretos, internacionalizando suas principais bolsas de valores, a exemplo de outros países. Com isso, ele acredita que haverá um espontâneo aporte de capital estrangeiro nas empresas nacionais sem que isso represente endividamento do País. O especialista não vê nisso qualquer risco à soberania brasileira, porque os investidores estrangeiros de maneira geral não estão interessados em assumir o controle das empresas mas de disseminar seu capital por várias companhias ren-



Prof. William Perry: os brasileiros são muito apressados em desenvolver-se

táveis, sem se omisuir com os problemas gerenciais.

Álcool

Quanto à possibilidade de ser aprovado um plano conjunto para utilização de álcool brasileiro nos Estados Unidos para mistura à gasolina, produzindo o que os americanos chamam de “gasohol”, Perry antevê algumas dificuldades para que isso se concretize mas acha que as barreiras existentes podem ser contornadas. Existem, segundo ele, problemas econômicos e políticos.

Os econômicos são o custo do álcool (algumas informações dão conta de que as destilarias brasileiras gastam US\$ 70 para produzir um barril de álcool), que não compete com o petróleo (US\$ 29 o barril, preço FOB); e o custo do programa. Um programa para introduzir uma mistura de 10 por cento de álcool em toda a gasolina consumida nos Estados Unidos (6 milhões de barris/dia), significaria 600 mil barris/dia e investimentos, no Brasil, da ordem de US\$ 20 bilhões.

Os problemas políticos são representados principalmente pela oposição dos fabricantes americanos de álcool contra a entrada do produto brasileiro. Esses fabricantes são representados principalmente pela The Renewable Fuels Association (Associação para Combustíveis Renováveis), da qual fazem parte produtores independentes e até algumas grandes empresas, incluindo de petróleo. Mas como o álcool americano é caro, pois é produzido de milho, o professor Perry acredita que poderia ser feito um acordo com os fabricantes locais, para que fornecessem 50 por cento das necessidades (300 mil barris/dia) e o Brasil os outros 50 por cento.

Quanto ao custo, disse Perry que Jaime Rotstein, presidente da Sondotécnica, afirmou, em exposição que fez no Simpósio sobre álcool brasileiro realizado nos dias 1º e 2 de dezembro na Universidade de Georgetown, que o produto poderia ser colocado no mercado americano por US\$ 30, com um custo de produção em torno de US\$ 28 por barril.